

## O conto de José, filho de Jacó: realizando a vontade de Deus para além das fronteiras

Frank Tiss<sup>1</sup>

**Resumo:** Este conto do Gênesis, lido numa ótica de teologia da missão, aponta para o temor a Deus como uma atitude missionária que, num contexto alheio ao judaico-cristão, leva à condição de profundo respeito e consideração pelas manifestações culturais e religiosas do outro, sem nenhum desprezo das próprias. Em consequência, a/o temente a Deus participa da realização das missões divinas concretas para com o seu povo e o mundo. Olhando para a realidade brasileira, o texto associa impulsos do conto à atuação missionária cristã entre povos indígenas, como também à leitura da sua história recente.

**Resumen:** Este cuento de Génesis, leído en una perspectiva de teología de la misión, remite para el temor a Dios como una actitud misionaria que, en un contexto ajeno al judío-cristiano, lleva a la condición de un profundo respeto y consideración por las manifestaciones culturales y religiosas del otro, sin ningún desprecio a las propias. En consecuencia, la persona temerosa de Dios participa de la realización de las concretas misiones divinas para su pueblo y el mundo. Mirando la realidad brasilera, el texto, va a asociar impulsos del cuento a la actuación misionaria cristiana entre pueblos indígenas, así como también, a la lectura de su historia reciente.

**Abstract:** This tale from Genesis, read in a perspective of mission theology, points to the fear of God as a missionary attitude which, in a context foreign to the Judeo Christian context, leads to the condition of deep respect and consideration for the cultural and religious manifestations of the other without despising one's own. As a consequence the person who fears God participates in the fulfillment of the divine concrete missions for His people and world. Looking at the Brazilian reality the text associates impulses from the tale with Christian missionary action among indigenous peoples, as well as with the reading of their recent history.

---

<sup>1</sup> Pastor da IECLB, atuante em Eirunepé, AM, no COMIN (Conselho de Missão entre Índios). E-mail: tiss@interlins.com.br

Encontramos este conto no livro bíblico do Gênesis, nos capítulos 37 a 50, entre as histórias dos patriarcas de Abraão a Jacó e o livro do êxodo dos israelitas do Egito.

Apesar de estender-se por tantos capítulos, o conto de José em geral não recebe muita atenção. A própria Bíblia lembra este filho de Jacó apenas três vezes, e mesmo assim periféricamente (Sl 105.16-32; At 7.9-16; Hb 11.22). No dia-a-dia das comunidades cristãs, o seu (quase) único lugar é nas escolas dominicais, como exemplo da mão protetora de Deus. Uma exceção é a tetralogia de Thomas Mann “José e seus irmãos” (1933-43), que, dentro das Igrejas, também não conseguiu motivar para uma maior dedicação a este conto do Antigo Testamento, provavelmente devido às suas interpretações bastante livres.

Por que essa generosa ignorância, fora da infância e da beletrística, em relação a um conto tão extenso? Será por haver pouco conteúdo a ser refletido? Ou porque as idéias que transparecem incomodam, não se encaixam bem, nem nas predominantes tradições de interpretação bíblica judaicas, nem nas cristãs?

Acredito que a última suspeita seja a mais provável. Por isso, convido a leitora e o leitor a olharem comigo esta história mais de perto, na expectativa de encontrarmos impulsos para a existência missionária cristã, principalmente no contato com grupos e povos de tradições religiosas alheias à bíblica.

### **Breve resumo do conto**

Por ser José o caçula amado do pai, os demais filhos de Jacó não se davam bem com ele. Piorou quando este expôs seus sonhos noturnos, nos quais aparecia como superior e rei dos outros. Para não matá-lo logo, os irmãos o venderam como escravo para uma caravana de ismaelitas que iam para o Egito. Ao pai, porém, fizeram acreditar que um animal selvagem tivesse despedaçado o irmão.

No Egito, José foi comprado por Potifar, capitão da guarda do faraó. Como o novo escravo ia muito bem em tudo, foi posto por Potifar como seu ajudante particular. A esposa do capitão tentava fazer do hebreu o seu amante. José, porém, fiel à sua ética, nunca aceitava. A mulher, finalmente aborrecida, fez uma falsa acusação contra José, que resultou na sua prisão.

No presídio do faraó, ganhou a total confiança do carcereiro. Vieram à prisão o copeiro e o padeiro do faraó, e o hebreu interpretou corretamente os seus sonhos.

Quando o faraó teve sonhos de sete vacas e espigas boas, seguidas

por sete vacas magras, José foi indicado como capaz de dar a interpretação certa. Como recompensa pela explicação e pelos conselhos políticos a este respeito, o faraó o constituiu governador de todo o Egito e lhe deu como esposa Asenate, filha de Potífera, sacerdote do Templo do Sol.

Conforme a sua interpretação dos sonhos, José recolheu e armazenou cereais em todas as cidades do Egito durante sete anos. Quando, em seguida, sobrevieram sete anos de fome, tanto no Egito como nos países vizinhos, José tinha alimentos para vender.

Assim aconteceu que os seus irmãos foram ao Egito. Jacó só não deixou ir Benjamim, o único irmão de José tanto por parte do pai como por parte da mãe. Quando chegaram lá, não reconheceram o poderoso ministro do faraó. Este deu-lhes os cereais que eles procuravam comprar, fingindo, porém, suspeitar que fossem espiões. Manteve um deles, Simão, na prisão, exigindo que os demais voltassem e trouxessem como prova da sua honestidade o seu irmão mais novo, Benjamim.

De volta a Canaã, Jacó, o pai, de modo nenhum quis aceitar a exigência do “estrangeiro”. Porém, a fome não deixou outra escolha. Assim, eles voltaram ao Egito, levando Benjamim consigo. No palácio de José, foram muito bem recebidos. Ao saírem, José preparou outra prova: mandou pôr o seu copo de prata na bagagem de Benjamim, simulando um furto. Quando descoberta a “transgressão”, o irmão mais novo foi ameaçado de ser condenado à escravidão. Os demais irmãos, porém, mostraram-se solidários, e um deles, Judá, ofereceu-se para trabalhar como escravo no lugar de Benjamim.

Finalmente, José revelou-se como sendo o irmão que no passado fora vendido por eles. Fê-los entenderem que não precisavam temer vingança, porque interpretou o que tinham feito com ele como vontade de Deus, para finalmente salvar toda a família de Jacó nos anos de fome.

Atendendo ao convite de José e do faraó, Jacó foi ao Egito com toda a família extensa e todos os seus animais. Foram assentados na região mais apropriada para a criação de ovelhas e cabras, Gosém.

Entretanto, os egípcios já não tinham mais dinheiro nem outros bens para comprar cereais de José. Resolveram, então, oferecer as suas terras e a si mesmos, para serem escravos do faraó. José, porém, determinou que, mesmo sendo as terras do faraó, os egípcios teriam que dar apenas a quinta parte das suas colheitas a ele.

Jacó faleceu, foi mumificado no Egito e sepultado em Efrom, no terreno da sua família.

Os irmãos de José, agora sem o pai, temiam que pudesse ter chegado

a hora de o poderoso irmão querer se vingar. No entanto, a sua reação foi diferente: “Não tenham medo! Porventura, estou eu em lugar de Deus? Vocês planejaram maldade contra mim, mas Deus mudou o mal em bem para fazer o que hoje estamos vendo, isto é, manter viva muita gente” (Gn 50.19-20).

José faleceu no Egito, onde foi embalsamado e posto num caixão, para ser levado a Canaã quando os seus parentes para lá voltassem.

### **Temor a Deus como atitude missionária fundamental**

Obviamente, José foi ao Egito sem nenhuma intenção missionária. Ele foi contra a própria vontade. Mesmo assim, não distorcemos o conto procurando por impulsos para uma existência missionária intencional. Pois o redator<sup>2</sup> do conto e com ele, na retrospectiva, José, entendem que ele foi, sim, com uma missão de Deus, porém sem estar, inicialmente, consciente disso.

Por outro lado, José não passou por tudo como uma marionete dirigida pelas mãos de Deus. Na atitude de “temor a Deus” (42.18), ele procurava realizar a vontade de Deus, conforme a conheceu da sua tradição religiosa. O modo como esta atitude de temor a Deus determinou as ações e reações concretas de José levou as pessoas envolvidas a interpretar que ele era abençoado por Deus em tudo o que fazia<sup>3</sup>, ou seja, que “o Senhor estava com ele”<sup>4</sup>. Pela atitude de temor a Deus, José estava disposto a realizar a vontade de Deus, e, assim, Deus realizou a sua vontade concreta para este momento histórico através dele: “manter viva muita gente” (50.20), tanto hebreus como não-hebreus. Desta forma, nada do que aconteceu foi surpresa para José, pois, como conhecia a própria tradição, deve ter sabido que Deus tinha dito a Abraão: “por meio de você, eu abençoarei todos os povos do mundo” (Gn 12.3)<sup>5</sup>.

Como entender esse “temor a Deus”? O texto hebraico, fundamento da nossa tradução, usa em Gn 42.18 o verbo *iarah*, que pode aparecer quando se pensa em temor no sentido de medo. Porém, em muitos textos do AT, a palavra, ao referir-se a Deus, tem o sentido de ser temente a Deus, de venerá-lo. Juntam-se neste termo a adoração pelo criador, pelo poderoso e santo, com o respeito por sua vontade, sabendo que ignorá-la pode resultar em desgraça.

---

2 Detalhes sobre autor e redator do conto em SCHARBERT, p. 16-19; WESTERMANN, p. 10, 13, 16.

3 Veja 39.3,5,21,23.

4 Veja 39.2,3,21,23; 41.38+39.

5 Deste ponto de vista, também é interessante que Jacó tenha literalmente abençoado o faraó (Gn 47.7+10).

Isso parece refletir-se nas palavras com que Jesus inicia a oração-modelo: “Pai nosso, que estás nos céus, *santificado*<sup>6</sup> seja o teu nome, venha o teu reino, seja feita a tua *vontade*” (Mt 6.9-10).

A imagem da pessoa temente a Deus, no AT, não é a de uma pessoa extraordinária. O Salmo 34, por exemplo, nos versículos 11-14, ensina de uma forma resumida a temer a Deus: não dizer coisas más, não contar mentiras, afastar-se do mal e fazer o bem, procurar a paz.

Essa compreensão permanece no Novo Testamento, como se vê, por exemplo, na Segunda Carta de Pedro, no capítulo 1, versículos 5-7: “Acrescentai... à paciência, temor a Deus<sup>7</sup>, e ao temor a Deus, amor fraternal, e ao amor fraternal, amor”. Entende-se que o temor a Deus gera fraternidade e paz, tanto nas comunidades cristãs quanto para fora delas.

Portanto, o temor a Deus não se realiza apenas numa veneração espiritual, mas também numa atitude que respeita os outros, que pretende o melhor para o outro e para a convivência das pessoas. Porque é esta a vontade de Deus.

José explica exatamente neste sentido, com seu temor a Deus, por que não manteve todos os hebreus suspeitos de serem espiões na prisão. O temor a Deus resulta na garantia dos direitos humanos básicos, mesmo para estrangeiros e potenciais inimigos<sup>8</sup>.

Podemos concluir, num primeiro momento, que Deus consegue realizar as suas missões por nós enquanto vivemos tementes a ele, na dupla dimensão espiritual e social. Lidando com pessoas de outros povos e culturas, isto significaria procurar garantir a prevalência dos direitos humanos fundamentais – inclusive o direito de ser diferente, de ter hábitos, tradições e línguas próprios.

No exemplo em apreço, dando anistia para quase todos os seus irmãos, José explica sua maneira de agir pelo temor a Deus. Neste momento, os irmãos devem ter entendido que o poderoso egípcio não queria mantê-los presos sem as devidas provas. Porém, para o próprio José, frente aos irmãos (e não a estrangeiros de fato), ser temente a Deus diante da questão de punir ou não, significou querer e poder *perdoar*. E ele conseguiu perdoá-los por ter compreendido, na retrospectiva, qual a missão específica que Deus havia visado – os sonhos do jovem José já o haviam advertido – e levado a cabo por José, apesar das más e destrutivas intenções tanto dos seus irmãos como da esposa de Potifar.

---

6 No Novo Testamento grego, *hagiastheto*.

7 *Eusébeia*, no texto original.

8 Exatamente nesse sentido foi entendido “temor a Deus” em Gn 20.11.

Houve um outro momento em que o ministro José agiu diferentemente do esperado pela população: não tendo mais com o que pagar os cereais, os próprios egípcios se propuseram a sujeitar-se ao faraó como seus escravos, passando a posse das suas terras a ele. Parece que José estava disposto a aceitar esta proposta. Porém, a relação que de fato se criou – conforme o conto – não foi a de escravidão, mas de servidão num absolutismo econômico estatal, com a obrigação de entregar um imposto de 20% da colheita. Sob a ótica da Antigüidade, era um peso relativamente leve<sup>9</sup>, garantindo sobrevivência e recuperação da população agrícola.

José respeitou a vida e o direito da população como um todo, mas também fora do palco político respeitou a vida privada dos indivíduos, nunca pensando em deixar de lado os seus princípios por estar lidando com estrangeiros. Na relação com o seu patrão Potifar, o temor a Deus não permitiu que José abusasse da sua posição e da confiança que Potifar depositara nele: não interferiu no matrimônio do capitão, apesar de a iniciativa para o adultério partir da própria esposa do egípcio.

### **O horizonte aberto do temor a Deus**

Talvez o que mais provocou reservas na hermenêutica judaico-cristã quanto ao nosso conto seja a forma como José se integrou e se deixou integrar na cultura egípcia, sem nenhum questionamento de sua parte, ou de seus parentes, ou do autor/redator: José assume cargos de chefia – portanto, cargos que garantem a continuidade do sistema político – em nível privado e estatal, veste-se com a roupa e os símbolos típicos desses cargos e deixa-se chamar por um nome egípcio de veneração religiosa, Zafenate Panéia<sup>10</sup>. Por ser considerado algo adequado para a sua posição tão perto do faraó, ele aceita um casamento com Asenate, a filha do mais alto sacerdote do Templo do Sol. E depois da sua morte, o hebreu foi mumificado como um poderoso egípcio (a mesma honra anteriormente conferida a Jacó).

Por outro lado, a forma de agir de José não deve ser interpretada como uma abertura cultural acrítica, adoração de uma grande nação por um filho de pastores de ovelhas, desprezando a própria tradição e religião. Pois, embora José tenha estado tão aculturado, ao chegarem todos os seus parentes, ele fez de tudo para que estes ficassem distantes dos egípcios, para poderem dar continuidade aos seus hábitos de nômades. Por isso, foram assentados na

---

<sup>9</sup> Na Babilônia, por exemplo, os juros de empréstimos para a aquisição de sementes eram de até 40% (v. RAD, p. 337).

<sup>10</sup> Gn 41.45; traduzido “Deus fala e está vivo”.

região de Gosém. E, de fato, por se tratar de um grupo pequeno, é bem possível que, se a família de Jacó-Israel tivesse assimilado a cultura egípcia neste momento, a história do povo Israel tivesse terminado por ali.

Como explicar, então, a atitude de José? Ele não tinha outra alternativa para não colocar a própria vida em risco? Se houvesse sido essa a justificativa, ele deveria ter assumido o papel de amante da esposa de Potifar. Porque, negando-se a fazê-lo, correu um grande risco, e num primeiro momento perdeu quase tudo, sendo-lhe preservada apenas a vida. E mais tarde, como primeiro-ministro, tinha tudo em mãos para fugir do Egito.

Parece-me que corresponde melhor ao texto procurar compreendê-lo a partir da postura de José que tão bem transparece: o temor a Deus. Em momento nenhum José o negou ou suprimiu. Nem quando tratava de questões sociais ou profissionais, nem em momentos de questões espirituais: antes de interpretar os sonhos do copeiro e do padeiro, e mais tarde do faraó<sup>11</sup>, José sempre salientava que era Deus<sup>12</sup> que lhe dava esta capacidade. Em consequência disso, o capitão da guarda do palácio e, ainda mais explicitamente, o faraó confirmaram a presença deste Deus com e em José. Só não podemos saber em *qual* Deus pensaram Potifar e o faraó quando este deu a José o nome egípcio *Zafenate Panéia*, “Deus fala e está vivo”. O autor do conto, escrevendo em hebraico, põe na fala dos dois egípcios, quando estes se referem a Deus, os termos *elohim* e *adonai*<sup>13</sup>, nomes típicos do Deus de Israel. Será que o autor, possivelmente da época do auge do reino de Salomão<sup>14</sup>, quando Israel e o Egito mantinham um vivo intercâmbio cultural, já partiu do pressuposto de que, no fundo, fala-se do mesmo Deus?

De qualquer forma, José não entendeu a sua aculturação como problemática, nem por ser temente a Deus, nem por qualquer outra razão. A aculturação não impediu em nenhum momento que o hebreu seguisse os seus princípios.

Poderíamos perguntar, além disso: não é exatamente essa atitude, essa existência no temor a Deus, que desconhece o medo de ficar impuro, mas dá essa abertura até mesmo para uma cultura diferente, inclusive para as suas manifestações religiosas?

Olhando para os níveis mais arcaicos das experiências religiosas bíblicas, parece que o temor a Deus é oriundo da admiração pelo divino imponen-

---

11 Veja Gn 40.8; 41.16.

12 Em hebraico, *elohim*, nome para Deus muito comum no povo de Israel.

13 Veja Gn 39.3; 41.38.

14 Assim, entre outros, WESTERMANN, p. 12.

te e inexplicável<sup>15</sup>. Essa é uma dimensão da fé em Deus que, nas Igrejas evangélicas tradicionais, devido à forte valorização do raciocínio individual para o aprofundamento religioso das pessoas, sofreu uma marginalização indevida. Embora Martinho Lutero, no seu Catecismo Menor, iniciasse cada explicação dos Dez Mandamentos com as palavras “Devemos *temer* e *amar* a Deus” – o *amar* recebeu bem mais atenção. Talvez por ser uma idéia mais familiar. E aí está o perigo: que também Deus se torne mais familiar do que deveria. Pois, apesar de todas as suas manifestações e revelações, ele permanece sendo o transcendente, o totalmente diferente, o inconcebível.

Pelo temor a Deus, o ser humano responde a esse lado do divino. E por estar, assim, consciente do incompreensível, a pessoa consegue mais facilmente ser humilde em suas constatações com respeito ao que sabe de Deus, e com relação ao que religiões diferentes da própria talvez não saibam de Deus.

Portanto, a pessoa temente a Deus, frente a outras tradições religiosas, não precisa se fechar e proteger por causa do medo ou de preconceitos desqualificadores, mas ela respeita as assim consideradas manifestações divinas. Por outro lado, também não há por que se entregar a elas, desprezando a própria religião e experiência espiritual, porque é aí que seu temor a Deus está fundamentado, geralmente desde a infância.

Assim, José aculturou-se, casando com Asenate, que havia sido criada no âmbito do Templo do Sol. Os dois filhos que tiveram, Efraim e Manassés, naturalmente foram abençoados por Jacó, o qual anunciou que Efraim seria um dos povos principais de Israel.

Concluindo: é a atitude de temor a Deus que gera o respeito pelas manifestações divinas, tanto da própria tradição religiosa como da de outras. Onde os tementes a Deus se encontram em contextos culturais e religiosos diferentes, este respeito possibilita que Deus realize suas missões bem concretas e específicas, levando as suas bênçãos para estas pessoas e, através destas pessoas, aos outros grupos em questão. Desta forma, fica fortalecida a paz entre as diferentes sociedades e religiões envolvidas.

---

15 Veja, por exemplo, 1Sm 12.18; Jó 37.21-24; Dt 4.10.



## **José e a missionária e o missionário cristãos entre povos indígenas**

Durante 500 anos, a maior parte dos missionários cristãos que procuraram os povos indígenas da América do Sul partiu do pressuposto de que já se sabia o que tinha de mudar nestes povos quanto às suas religiões, organizações sociais, educação, etc. Deste modo, a missão acabou contribuindo para o enfraquecimento e, em parte, extermínio cultural destas nações. Os casos são incontáveis.

Como tementes a Deus, seguindo o exemplo de José, a missionária e o missionário estão liberados para irem sem saber, previamente, o que terão a contribuir, sem saber qual a bênção que Deus poderá realizar por eles. Eles mesmos serão surpreendidos por estas bênçãos. Isto jamais significa que eles vão sem saber o que fazer: como vivem no espírito do temor a Deus, procurarão não dizer coisas más, não mentir – não simplificar, nem exagerar, nem esconder verdades – mas fazer o bem, fortalecer a paz e fazer a sua parte para garantir os direitos humanos.

A missionária e o missionário estão liberados para respeitar as manifestações divinas tal como constam das tradições indígenas. Somente vivendo desta forma, os cristãos já fortalecerão a paz entre as diferentes religiões.

Por outro lado, eles podem articular livremente o seu temor a Deus. Este direito ser-lhes-á atribuído, também, pelos próprios indígenas, por perceberem o seu respeito verdadeiro – respeito não como método evangelizador, não como um modo para ganhar confiança, mas um respeito motivado pela própria espiritualidade que reconhece que não sabe tudo de Deus e que os povos indígenas, por sua parte, também têm conhecimentos religiosos.

Aproximando-se por esse caminho, os missionários encontrarão riquezas que poderão contribuir para manter vivo o seu próprio “povo” cristão, como, por exemplo, modelos de convivência em comunidade que, por seus mecanismos democráticos e suas formas de partilhar sem humilhar, lembram as primeiras comunidades cristãs; modelos de uma relação família-trabalho equilibrada; ou modelos de uma economia pacífica, tanto no que diz respeito às relações entre pessoas quanto àquelas entre o ser humano e o meio ambiente.

## José e os grupos indígenas submetidos a culturas tradicionalmente cristãs

Há diversos fatos semelhantes na trajetória de José, conforme o conto, e na trajetória de muitos povos indígenas no Brasil: quando não foram massacrados logo, muitos foram condenados à escravidão; assim, grupos com tradições nômades ou com uma agricultura de subsistência foram submetidos a uma hierarquia político-econômica. Onde os representantes deste sistema estranho se deram a oportunidade de conhecer os nativos mais de perto, muitos se admiraram dos hábitos e da sabedoria indígenas – que influenciaram a cultura brasileira em todos os níveis (linguagem, agricultura, culinária, moradia, religião, etc.). Houve muitas tentativas de seduzir as comunidades indígenas a comportamentos que contradiziam a sua ética, como, p. ex., a sedução de organizar-se numa hierarquia social, de assumir uma atuação econômica egoísta, ou de acumular bens individualmente. Os grupos que ficaram fiéis a seu modo de vida e resistiram, sofreram forte desprezo e punição. Hoje em dia, porém, no Brasil e mais ainda em outros países, são muito valorizados e procurados os conselhos baseados nas tradições econômicas e sociais indígenas, na busca de alternativas para os sistemas ocidentais quase esgotados.

Certamente, jamais alguém deve se aventurar a pensar que o genocídio entre os povos indígenas da América, o maior de toda a história da humanidade, tenha sido plano de Deus. Isto seria blasfêmia. Sobrou uma culpa coletiva das mais pesadas. Porém, por mais surpreendente que seja, são raros os indivíduos e grupos indígenas cujas ações partam de um espírito vingativo. Se o verdadeiro respeito por sua história, suas expressões culturais e seus direitos tomar mais espaço dentro da nossa sociedade, incentivado, por exemplo, pela atitude religiosa do temor a Deus, talvez chegue o dia em que representantes dos povos indígenas ainda vivos possam falar para nós com as palavras de José: “Não tenham medo! Porventura, estamos nós em lugar de Deus? Vocês planejaram maldade contra nós, mas Deus mudou o mal em bem”.

### Bibliografia

- SCHARBERT, Joseph. *Ich bin Josef, euer Bruder*. St. Ottilien, 1988.  
VON RAD, Gerhard. *Das erste Buch Mose*. Göttingen, 1982 (1ª ed. 1949). (ATD, 2/4).  
WESTERMANN, Claus. *Genesis: 3. Teilband, Genesis 37-50*. Neukirchen-Vluyn, 1982. (BK. AT, I/3).